



## **Em busca de soluções: o descaso oficial com a educação e a juventude em estatísticas e nas manchetes dos jornais<sup>1</sup>**

Cláudia Samuel Kessler - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)<sup>2</sup>

Márcia Samuel Kessler - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)<sup>3</sup>

Rondon Martim Souza de Castro - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)<sup>4</sup>

### **Resumo**

Em meio a diversas manchetes e destaques dos meios de comunicação que revelam o descaso de nosso governo com relação à população, a adoção de políticas públicas ineficientes e sem razoável alcance social permitem que percebamos - por meio de estatísticas e informações divulgadas pelas mídias impressa, televisiva e digital - que a juventude está cada vez mais desamparada pelas ações governamentais. Nesse texto, defendemos a necessidade de aumentar os cuidados à educação e cultura, poderemos nos desenvolver tanto quanto os países mais avançados.

### **Palavras-chave**

educação; juventude; mídia

### **TV: uma mania nacional**

No presente trabalho procuramos fazer uma reflexão a cerca da atual relação entre mídia, juventude e educação. Sabe-se que o Brasil é um país que, ao contrário de diversos países chamados “mais desenvolvidos”, como os da Europa e América do Norte, possui uma grande quantidade de pessoas em idades menos avançadas. Segundo dados da UNICEF Brasil, existem em nosso país cerca de 21 milhões de adolescentes, os quais representam 12,5% da população nacional. Por um lado, essa grande

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Júnior, Jornada de Iniciação Científica em Comunicação no INTERCOM 2006, XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, de 6 a 9 de setembro de 2006

<sup>2</sup> Acadêmica de Comunicação Social- hab. Jornalismo na UFSM  
Acadêmica de Ciências Sociais da UFSM  
[jornalista24h@yahoo.com.br](mailto:jornalista24h@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Acadêmica de Direito  
Acadêmica de Ciências Contábeis  
[facufsm@yahoo.com.br](mailto:facufsm@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e Professor do Curso de Comunicação Social da UFSM  
[rondon@smail.ufsm.br](mailto:rondon@smail.ufsm.br)



concentração de jovens é uma situação bastante benéfica, pois o nosso país não precisa preocupar-se com a falta de mão-de-obra, que, por sinal, hoje em dia chega a ser excedente. Porém, nosso país deveria cuidar muito mais de outros aspectos, aos quais muitas vezes parece sequer ter feito algum planejamento. Exemplo disso, seria o desenvolvimento de políticas públicas e ações governamentais que proporcionem boas estruturas educacionais e culturais a esses indivíduos que serão o futuro de nossa nação.

Pelo que se pode perceber hoje em dia, os ensinamentos aos quais os jovens parecem ter acesso são aqueles passados diariamente por capítulos de novelas, como as novelas juvenis *Malhação* (da Rede Globo), *Floribella* (da Band) e a mexicana *Rebelde* (do SBT). É muito mais interessante assistir à televisão do que ler um livro, pois o primeiro hábito já parece estar muito mais naturalizado que o segundo. Mostra disso é que a população brasileira, segundo a pesquisa da consultoria americana NOP World (com sede em Nova York) gasta cerca de 18,4 horas semanais em frente à televisão, enquanto investe apenas 5,2 horas em leituras.

Quanto a situação dos jovens, podemos entender melhor seu comportamento a partir de entrevista realizada pela UNICEF Brasil, com 5.280 adolescentes de todo o Brasil, sendo 400 deles da região Norte (3 estados e 7 municípios), 1.700 na região Nordeste (6 estados e 25 municípios), 2.060 na região Sudeste (3 estados e 24 municípios), 721 na região Sul (3 estados e 11 municípios) e 399 na região Centro-Oeste (2 estados, DF e 7 municípios). A pesquisa pôde verificar que: as principais atividades de lazer referidas pelos adolescentes são ir a casa de amigos (53%) e assistir televisão (52%). Os adolescentes passam, em média, 3h55min diárias assistindo TV e na opinião de mais de 70% deles, a programação da televisão é "boa" ou "muito boa".

Ou seja, os jovens passam muito mais tempo em frente à televisão, recebendo os ensinamentos que esse meio de comunicação lhes passa, do que na frente dos livros, sem precisar, eles próprios, compreender as palavras, imaginar cenários, criar personagens, desenvolver idéias. É tudo mais fácil e pronto na televisão. Basta ligar e assistir. Sem nenhum esforço, sem ser obrigado a ter que refletir sobre nada. Por isso podemos afirmar a importância de estudos e afirmações como a de GOMES (1996, p.83) “A televisão é, sem dúvida alguma, o meio de comunicação de massa mais abrangente e possuidor de uma força sem igual de manipulação e formação de opinião”.

E será que os nossos jovens estão sendo instigados a pensar a situação de nosso país ou a estarem engajados socialmente de maneira que efetivamente compreendam o significado da palavra cidadania? Ao que parece, a resposta é não. Sem incentivos



governamentais e sequer estruturas que forneçam acesso aos direitos básicos de um cidadão, a dignidade é mera retórica eleitoral enquanto as demandas e necessidades dos jovens não são atendidas. Mostra disso é que ao longo do ano de 2003 e no 1º semestre de 2004, os parlamentares de uma Comissão Especial ouviram (num total de 33 audiências públicas) especialistas, gestores públicos e representantes da sociedade civil, notadamente os jovens, a fim de criar o "PLANO NACIONAL DA JUVENTUDE", que até agora não teve nenhuma importância significativa. A exemplo disso, está a implementação do Programa de Estímulo ao Primeiro Emprego, criado pela Lei nº 10.748, de 22 de outubro de 2003, o qual até final de abril de 2004, segundo o Ministério do Trabalho, havia conseguido a contratação de apenas 707 jovens, enquanto sua meta era beneficiar, até o final do ano, 250 mil jovens com renda familiar de até meio salário mínimo por pessoa.

Mas e a qual cultura o jovem possui acesso hoje em dia? Para se ter uma idéia, segundo dados de uma pesquisa desenvolvida pela Unesco, em 2000, há motivos suficientes para que comecemos a nos preocupar com o nível intelectual dos adolescentes brasileiros, pois: 80% deles não lêem jornais, 62% não lêem livros, 57% não lêem revistas, 84% nunca tiveram acesso à Internet e 66% não vão ao cinema.

É a partir do que nos é passado pela televisão, pelos jornais e revistas de circulação nacional que podemos refletir sobre a realidade em que nos encontramos e assim, tomarmos atitudes em favor ou contra mudanças estruturais ou superestruturais que orientam nossa sociedade. Porém, conforme Noblat (2004, p.38) “Os jornais estão cheios de mentiras ou de meias verdades. A televisão idem, a rádio idem, a Internet, idem. A informação manipulada é o mais poderoso meio de controle das consciências jamais inventado pelo homem”.

### **A educação pode gerar bons frutos, mas é cara**

O investimento em um pleno acesso ao conhecimento, começa pelo favorecimento de uma consciência coletiva mais solidária. A sociedade deve passar a participar e exercer os privilégios de uma vida democrática, servindo como guardião de seus direitos fundamentais. Dentre esses direitos mínimos, com os quais a população deve se preocupar, está a educação, instrumento base para o desenvolvimento de diversos países no mundo.



Um exemplo de excelência, no qual se pode inspirar, é a China, país que investiu em 2004, somente em educação, cerca de 724 bilhões de yuans (o que equivale a 90,5 bilhões de dólares), segundo dados de Paul Liu, atual presidente da Câmara Brasil China de Desenvolvimento Econômico (CBCDE). O resultado desses investimentos se observa pelo título de uma matéria publicada no *The New York Times* de 28 de outubro de 2005: "China Luring Scholars to Make Universities Great", o que corresponderia, em português a algo como: "China atrai acadêmicos (estudiosos, eruditos) para tornar excelentes as suas universidades". Com tantos investimentos em educação, os reflexos são sentidos na economia do país. Quarta maior economia do mundo, segundo a Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Econômico, a China exportou 752 bilhões de reais em 2005. Por outro lado, enquanto a China apresenta resultados impressionantes, o Brasil se encontra com a 15ª posição, exportando risíveis 118 bilhões de reais no mesmo período. Além disso, a China é uma potência mundial não só porque cresce, há 25 anos, a uma média de 9% ao ano, mas também porque, sua economia é equivalente a US\$ 6,3 trilhões, somente superada pelos EUA, com US\$ 11 trilhões.

Nesse momento, o que cabe é o destaque quanto à premência no desenvolvimento de reservas para investimento educacional. Em matéria veiculada na revista *Época* de 17 de abril de 2006, por exemplo, especialistas do Ministério da Educação apresentam dados quanto aos investimentos necessários para se proporcionar aos estudantes brasileiros um ensino de qualidade reconhecida mundialmente. As informações evidenciam que seria necessária a aplicação de 608 bilhões de reais, durante os próximos cinco anos. Uma quantia significativa e que demanda esforços para seu cumprimento.

Entretanto, hoje em dia, quando o assunto é políticas públicas, tudo se torna imprevisível. Ainda mais com relação ao antagonismo apresentado pelos governos entre palavras pregadas e ações efetuadas. Apesar do reconhecimento das esferas do poder executivo e legislativo de que “Esse orçamento é completamente absurdo, fictício. Chega a ser constrangedor” (como afirma a senadora Patrícia Saboya), as medidas governamentais não passam de meros paliativos. Em pesquisa realizada no ano de 2005 pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc) foi constatado que os gastos do Governo Federal foram de apenas 96 centavos de real, por dia, para cada jovem ou adolescente brasileiro. Isso significa que a atenção demandada pelo governo, buscando atender às necessidades de saúde, habitação, saneamento, lazer, esporte, assistência social e proteção de direitos destes cidadãos, não ultrapassa 30 reais mensais.



O desrespeito aos direitos fundamentais é sobressalente. Saltam aos olhos manchetes como a da Folha de São Paulo de 14 de junho de 2005, a qual afirma que: “Investimento em educação fica abaixo do constitucional, diz TCU”. Segundo o relatório apresentado pelo Tribunal de Contas da União, em 2004, os investimentos em programas de erradicação do analfabetismo e de manutenção do ensino fundamental ficaram abaixo do previsto na Constituição. O que apenas reforça o cenário atual de descaso governamental com relação às necessidades da população.

Enquanto os países com economias que se desenvolvem a pleno vapor possuem investimentos em mão-de-obra qualificada e um potencial crescimento de suas tecnologias, nosso país fica apenas com a retórica. De um lado o ministro da Educação, Fernando Haddad, diz que: “País desenvolvido é país que cresce educando”. De outro, nosso excelentíssimo Presidente da República se preocupa com a mera alteração de verbetes, afirmando em entrevista divulgada pelos meios de comunicação que:

Eu estou proibindo, no governo, utilizar a palavra gasto quando a gente coloca em política social. Se o empresário precisa de um empréstimo de R\$ 1 bilhão do BNDES, é investimento. Agora, se você precisa de R\$ 50 mil para cuidar de crianças, é gasto. Não tem investimento mais sagrado do que investimento em gente. (SILVA, 2006)

Em meio a afirmações como essa, percebe-se o brilhantismo de Bobbio (1992, p.24), ao aduzir que “O problema fundamental em relação aos direitos do homem, hoje, não é tanto o de *justificá-los*, mas o de *protegê-los*. Trata-se de um problema não filosófico, mas político” (grifos do autor).

### **Educação: um breve retrato de como a educação é vista pelos jovens**

A partir da pesquisa “A voz dos adolescentes”, divulgada pelo Unicef, pode-se perceber que, entre os direitos mencionados no Estatuto da Criança e do Adolescente, a educação é o direito mais fixado no discurso dos adolescentes entrevistados (33%). Outras citações foram sobre o direito à vida e à saúde (26%), liberdade e respeito, lazer e esporte (cada um com 22%). Porém, quando se trata do conhecimento dos direitos aos quais se têm acesso, os adolescentes mais ricos manifestaram ter mais conhecimentos que aqueles pertencentes a classes menos favorecidas. O direito à educação, por exemplo, foi citado por 28% dos adolescentes entrevistados da classe D, 31% da classe C, 40% da classe B e 43% da classe A.



A falta de acesso a determinados conhecimentos e direitos, faz com que os jovens de classe pobre fiquem com certa desvantagem em relação ao das classes ricas. Isso, porém, não é motivo para que preconceitos sejam perpetuados, mas para que haja mais investimentos em educação para aquelas comunidades que necessitam, não só de mais recursos, como também de profissionais mais qualificados. Para se ter uma idéia, segundo pesquisa da Unesco, realizada em 2004, 60% dos professores nunca usam internet, 36% não lêem jornal regularmente. Ou seja, se sequer o professor possui acesso ao conhecimento, seja por falta de estruturas disponibilizadas pelo governo ou devido aos baixos salários, imagine os estudantes.

A baixa escolaridade de jovens infratores é resultado da ausência de investimentos na educação e da oferta de condições mínimas de sobrevivência. Manchetes como a da seção Cotidiano, da Folha de São Paulo, “Didico, 12, é um dos ‘braços’ da boca de fumo”, são inaceitáveis para muitos de nós, mas uma triste realidade em favelas e regiões periféricas de nosso país. Sem perspectivas de conseguir um emprego que pague um salário suficiente para sobreviver, o jovem procura alternativas. Exemplo disso é o resultado da pesquisa realizada pelo Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas) e pelo instituto Pólis, feita com 8.000 jovens, e que constatou que 27% dos brasileiros de 15 a 24 anos (em oito regiões metropolitanas do país) estão sem atividades profissionais ou educacionais.

Não é viável imaginar que um jovem prefira passar o dia inteiro lendo, quando ao seu lado os familiares estão precisando de recursos financeiros que possam mantê-los a subsistência. É da natureza humana, e Maslow sustenta essa teoria, que o ser humano queira garantir na hierarquia de suas necessidades, primeiramente suas necessidades fisiológicas e, posteriormente, as de segurança. São os estímulos que agem como força sobre os indivíduos, levando-os a ação. E em ambientes como os arrabaldes das cidades, que tipo de ação se pode esperar de um jovem influenciado pelo poder do tráfico, seduzido pela sede de poder, pela necessidade de sobreviver?

É constante a tentação à prática do crime, principalmente se considerando as condições de muitas famílias brasileiras. Há casos em que, conforme manchete da seção Empregos, da Folha de São Paulo de 12 de março de 2006, em cerca de 25% das famílias com trabalho infantil, o ganho dos pequenos trabalhadores representa mais de 20% da renda familiar. Na mesma página, a matéria expõe a exploração a que esses jovens são submetidos, declarando que existem no país 172.332 crianças e adolescentes, de 5 a 15 anos, os quais recebem somente 85 reais, ou seja cerca de 60% menos que um



adulto informal, por 30 horas semanais de serviço. Cabe ainda acrescentar que, segundo estudo de Dayrell e Carrano (2002, p.7), o Brasil tem “nove milhões de jovens que sobrevivem em situação de extrema pobreza, abaixo da linha de R\$ 61 per capita”.

Com a exploração da mão-de-obra infantil, muitas vezes necessária a essas famílias, aumentam as dificuldades de concentração e participação do jovem nas atividades propostas pelo ambiente escolar. Apesar do art. 2º do ECA, informar que “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”, há o desrespeito aos zelos com os direitos desses jovens. É visível que, na condição de pequenos escravos, esses jovens que precisam trabalhar, não possuindo mais tempo para estudar. O jovem que está se dedicando a tarefas que vão lhe proporcionar a subsistência financeira não pode ao mesmo tempo dedicar-se a uma tarefa intelectual que trará duvidosos resultados futuros. Em primeiro plano, reiterando Maslow, está a sobrevivência e a preservação da espécie.

Em pesquisa realizada pela Esalq-USP, sob coordenação de Ana Lúcia Kassouf, pôde-se averiguar que o rendimento escolar dos alunos que trabalham é inferior ao dos que somente estudam. Os testes feitos pela pesquisadora revelam que os jovens trabalhadores atingiram uma pontuação 20% menor que a dos outros jovens. Nessa análise foram feitos testes de matemática e português, da quarta e da oitava séries do ensino fundamental e da terceira série do ensino médio. Tal pesquisa comprova a reincidência de um ciclo alarmante em nossa sociedade.

Para se ter uma idéia de como se encontra a situação educacional brasileira, 59 de cada 100 alunos que entram na escola vão até o fim e apenas 44% dos jovens entre 15 e 17 anos estão na série correta. Os demais, ou estão atrasados ou largaram a escola. Com o passar dos anos, medidas que deveriam ser tomadas pelos governos a fim de desenvolver nossas sociedades por meio da educação, acabam sendo esquecidas em favor de pagamentos de dívidas externas, comprometimentos com o Fundo Mundial e toda uma série de dívidas que impedem o investimento em um bem que a longo prazo pode valorizar nossa nação e trazer muitos benefícios não só econômicos, bem como sociais.

### **O poder da exclusão lingüística**



Não podemos desconsiderar que a palavra também serve como forma de opressão. Os principais veículos de comunicação têm o poder de direcionar as informações a serem passadas para o povo e, principalmente selecionar de que forma irá transmiti-las. Nesse processo, há a possibilidade de exclusão da voz que representa a classe pobre, o que facilita a construção de imagens que representam realidades sociais fantasiosas. Portanto, não podemos nos esquecer de que “Tudo o que fica de fora do alcance da mídia assume a condição de marginalidade política” (Castells, 2001, p.368). Nada mais fácil do que excluir aqueles que já estão excluídos. Basta não permitir-lhes a entrada, a inclusão.

Dessa forma, a mídia, assim como o mercado de trabalho, segrega aqueles que não acredita estarem adequados às exigências de um bom falar, de “um português correto”, sempre com desculpas armadas e prontas, na ponta da língua, para excluir a visão daqueles que, conforme Peter Burke, podem relatar uma história “vista de baixo”. Mostra disso é o título da seção Emprego da Folha de São Paulo de 16 de abril de 2006: “Profissional é segregado por falar errado”, no qual a consultora de RH, Milena Zacarias expressa a desigualdade dos processos seletivos, nos quais “Se o candidato começa com um ‘probrema’, certamente tem uma chance muito maior de ficar de fora. E, se falar errado no ambiente de trabalho, prejudicará seu desempenho, pois acabará se sentindo um peixe fora d’água”.

Tais situações e dados apresentados demonstram o quão evidente é a falta de incentivos aos jovens pobres, e a necessidade de investimentos que resultem em mudanças da situação atual. De acordo com dados apresentados pela Unesco, em 2004, cerca de 45% dos alunos do ensino fundamental não têm acesso à biblioteca. E para se ter uma idéia, chegar ao ensino fundamental é uma grande vitória para esses jovens, pois, cerca de 41% dos jovens desistem de estudar antes de chegar a essa fase e apenas 25% conseguem concluí-la.

Mas, como diria o antropólogo Barbero (2003, p.21), “si la palabra sola es impotente , la acción sola es estéril, la imagen del futuro se engendra entre las dos: la palabra dibuja la utopia que las manos construyen y el pedazo de tierra liberada hace verdad al poema”. O que o reconhecido estudioso disse, seria em português algo como: “se a palavra sozinha é impotente, a ação sozinha é estéril, a imagem do futuro se engendra entre as duas: a palavra desenvolve a utopia que as mãos constroem e o pedaço de terra livre torna o poema verdadeiro”. Ou seja, é por meio da palavra e da ação que poderemos construir algo mais concreto, com maior longevidade e capacidade



de produzir mais frutos, mais resultados. É a partir de investimentos na base familiar e social, começando pela educação, que se poderá construir uma contra-hegemonia mais efetiva.

Mediante a educação é que certos esteriótipos serão quebrados. A exemplo, Barbero traz a antiga visão que é perpetuada, na qual “el que llega más lejos em los estúdios tiene derecho a más dinero, a mayores privilégios, a mejor posición social” (2003, p.27). Ou seja, há uma extrema valorização de que um ensino de qualidade é importante, pois aqueles que conseguirem estudar em boas escolas e tiverem uma boa educação serão considerados mais inteligentes, mais capacitados e assim poderão ocupar os melhores postos de trabalho, ganhar mais, ter mais status e adquirir mais bens de consumo. Uma pesquisa realizada pelo Ibmec São Paulo já constatou que cada ano a mais de estudo significa, um aumento médio de 14% no salário do trabalhador brasileiro.

### **Sobre os compromissos do Estado**

O surgimento do compromisso de que o país acolhesse essas necessidades sociais passou a existir, segundo Chauí (1995), a partir do surgimento do Welfare State. Nesse momento, o Estado passa a assumir uma série de encargos sociais, como: saúde, educação, moradia e transporte. Destaca-se ainda que os direitos instituídos são a demonstração de democracia de uma sociedade.

Em meio aos direitos da população, explica Platão apud Dallari (2000, p.55), que “Um Estado nasce das necessidades dos homens; ninguém basta a si mesmo, mas todos nós precisamos de muitas coisas”. Dentre essas muitas coisas, destacam-se os direitos de primeira, segunda e terceira geração. Há ainda quem diga que há quarto e quinto.

Na Era do Conhecimento, conforme aduz o pai da Administração, Peter Drucker, a educação torna-se uma necessidade básica, pois, “na sociedade do conhecimento, o verdadeiro investimento se dá cada vez menos em máquinas e ferramentas e mais no conhecimento do trabalhador” Drucker (1998, p.161). É nesse contexto que se inserem os meios de comunicação de massa, com papel de transmissores da informação e formadores de opinião. Os meios de comunicação possuem o poder de chegar até as pessoas que vivem nas localidades mais remotas de nosso país na qual “a mídia não só diz o que existe e, conseqüentemente, decide o que



não existe pelo seu silêncio, mas dá uma conotação valorativa, de que algo é bom e verdadeiro, em relação à realidade existente” Guareschi (2005, p.62). Porém, o que cabe destacar é que a compreensão do receptor fica limitada não somente à mensagem transmitida, mas aos signos por ele interpretados a partir das informações recebidas. Segundo Marcuse apud Guareschi (2001, p.15) “por detrás do véu tecnológico, (por detrás) dos véus políticos da democracia, aparece a realidade, a escravidão universal, a perda da dignidade humana, substituída por uma liberdade de escolha pré-fabricada (...)”

### **Considerações Finais**

Conforme podemos ver em algumas manchetes dos mais importantes jornais, revistas e nos programas apresentados pela televisão de nosso país, nesse artigo expostos, as condições oferecidas aos jovens, principalmente aquele de extratos mais baixos, apenas contribuem para a acentuação das desigualdades sociais existentes. Com uma gravíssima crise do trabalho e um crime organizado cada vez mais promissor, projetos sociais preventivos, coordenados de maneira sintonizada às necessidades sociais, se mostram não somente necessários, mas prementes.

Estigmas, preconceitos e simplificações de maneira alguma contribuirão para o desenvolvimento de ações efetivas. Enquanto medidas paliativas forem consideradas prioritárias, nossa sociedade continuará marcada pela indiferença, a negligência e a exclusão. Como dito na introdução desse trabalho, estamos fazendo apenas algumas reflexões a cerca desse assunto, com o qual não temos a pretensão de responder a origem dos maus entendimentos entre as classes ou sobre a ineficiência do Estado. A intenção desse artigo é de levar à discussão e ao pensamento, com dados recentes e embasamento teórico que libertam do convencional ou do cotidiano e promovem a uma visão mais ampla sobre soluções para os problemas existentes em nosso país. Acreditamos que é papel do cientista e do acadêmico também buscar soluções, e não apenas criticar o sistema vigente, sem prever algo de novo ou mudanças que possam trazer o bem-estar social. Finalizamos com os dizeres de Schaun apud Guareschi (2005, p.93), o qual acredita, assim como nós, que “Comunicar para a educação e educar para a comunicação são processos inter-relacionados, cujos princípios hoje desestabilizam as certezas e verdades definitivas e se expandem na construção permanente de devires”.



## Referências bibliográficas

BARBERO, Jesús Martín. **La educación desde la comunicación**. Bogotá: Norma, 2003.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**; tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BORGES, Altamiro. Primeiro Emprego: fiasco e regressão. **Adital, notícias da América Latina e Caribe**. São Paulo, 18 mai. 2004. Disponível em:  
<<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=12206>>. Acesso em: 16 mai. 2006.

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em :  
<<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2005.

BRASIL. Plano nacional da Juventude. **Secretaria Geral da Presidência da República**. Disponível em: <<http://www.ibase.br/pubibase/media/PNJ2005.doc>>. Acesso em: 18 mai. 2006.

BREVE, Nelson. Na hora do discurso todos concordam, mas quando vem a conta...**Carta Maior**, São Paulo, 24 mar. 2006. Disponível em:  
<[http://agenciartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=10406&editoria\\_id=13](http://agenciartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=10406&editoria_id=13)>. Acesso em: 23 abr. 2006.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BVS ADOLEC BRASIL. **Estudo aponta baixo nível intelectual de jovens brasileiros**. Disponível em: <[www.bireme.br/bvs/adolesc/P/news/2001/02/0409/educacao/005.htm](http://www.bireme.br/bvs/adolesc/P/news/2001/02/0409/educacao/005.htm)>. Acesso em: 10 mai 2006.

CARAMANTE, André. Didico, 12, é um dos ‘braços’ da boca-de-fumo. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 26 mar. 2006, C3.

CARRANO, Paulo C. R.; DAYRELL, Juarez. **Jovens no Brasil**: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo. 2002. Mimeografado.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Elementos de teoria geral do estado**. 21. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.



DRUCKER, P. F. **Administrando em tempos de grandes mudanças**. Tradução de Nivaldo Montinguelli Jr. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

FOLHA ONLINE. Pesquisa atesta que brasileiros lêem pouco, mas usam rádio, TV e internet. São Paulo, 17 jun. 2005. Disponível em:  
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u43914.shtml>>. Acesso em: 16 jan 2006.

FREITAS, Ronald; NUNES, Walter. **É tão difícil copiar?** Revista Época, São Paulo, 17 abr. 2006. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT1177831-1659,00.html>>. Acesso em: 19 abr. 2006.

FUNDAÇÃO CENTRO DE ESTUDOS DO COMÉRCIO EXTERIOR. **Boletim de Comércio exterior**. Rio de Janeiro, ano X, n.1, jan. 2006. Disponível em:  
<<http://www.funcex.com.br/material/boletins/bolcomex/bce0601.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2006.

GERAL. Resolução 217<sup>a</sup> (III), de 10 de dezembro de 1948. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. [s.l], 10 dez. 1948. Disponível em:  
<[http://www.bahai.org.br/direitos/Decla\\_Univer\\_Dir\\_Hum.htm](http://www.bahai.org.br/direitos/Decla_Univer_Dir_Hum.htm)>. Acesso em: 19 abr. 2006.

GOITIA, Vladimir. China investe bilhões de dólares para transformar o ensino superior do país no melhor do mundo. **Sociedade Brasileira de Computação**, Porto Alegre, 15 mar. 2006. Disponível em:  
<<http://www.sbc.org.br/index.php?language=1&subject=28&content=news&id=4302>>. Acesso em: 22 abr. 2006.

GOMES, Pedro Gilberto. **Televisão e Audiência**: aspectos quantitativos e qualitativos. São Leopoldo: Unisinos, 1996.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Comunicação & poder** - a presença e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. **Mídia & Democracia**. Porto Alegre: Evangraf, 2005.

LACERDA, Antônio Corrêa. **China**: oportunidade e desafio para o Brasil. 2004. Disponível em: <[http://www.ahk.org.br/extranet/revista/2004/comen\\_econ\\_nov\\_dez04\\_port.pdf](http://www.ahk.org.br/extranet/revista/2004/comen_econ_nov_dez04_port.pdf)>. Acesso em: 18 mai. 2006

NOBLAT, Ricardo. **O que é ser jornalista**: memórias profissionais de Ricardo Noblat. Rio de Janeiro: Record, 2004.



RIOVANI, Andressa. Tarefas de casa: Enquanto o governo busca formas de legalizar o trabalho doméstico, mais de 172 mil crianças e adolescentes trabalham em lares, à margem de quaisquer direitos. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 26 mar. 2006, F3.

SANT'ANNA, Lourival. País investe mal e não consegue corrigir distorções no ensino. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 4 dez. 2005. Disponível em:  
<[http://www.unicamp.br/unicamp/canal\\_aberto/clipping/dezembro2005/clipping051204\\_estado.html#2](http://www.unicamp.br/unicamp/canal_aberto/clipping/dezembro2005/clipping051204_estado.html#2)>. Acesso em: 10 abr. 2006.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A história das idéias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. In: Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária, 1999. Disponível em:  
<[http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Files/livrosobre/A\\_historia\\_das\\_ideias\\_de\\_Paulo\\_Freire\\_e\\_a\\_atual\\_crise\\_de\\_paradigmas.pdf](http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Files/livrosobre/A_historia_das_ideias_de_Paulo_Freire_e_a_atual_crise_de_paradigmas.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2006.

SOARES, Bruno. Profissional é segregado por falar errado. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 16 abr. 2006, F2.

UNICEF BRASIL. **A Voz dos Adolescentes**: resumo para a imprensa. Disponível em:  
<[http://www.unicef.org/brazil/voz\\_resumo.htm](http://www.unicef.org/brazil/voz_resumo.htm)>. Acesso em: 12 mai. 2006.

UNICEF BRASIL. **A Voz dos Adolescentes**. Disponível em:  
<<http://www.unicef.org/brazil/pesquisa.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2006.

WITTMANN, Tatiana. **Relatório da Unicef mostra que é preciso ouvir as crianças**. 2004. Disponível em:  
<[http://amaivos.uol.com.br/templates/amaivos/noticia/noticia.asp?cod\\_noticia=1766&cod\\_canal=42](http://amaivos.uol.com.br/templates/amaivos/noticia/noticia.asp?cod_noticia=1766&cod_canal=42)>. Acesso em: 22 abr. 2006.

ZIMMERMANN, Patrícia. Investimento em educação fica abaixo do constitucional, diz TCU. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 14 jun. 2005. Disponível em:  
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u69657.shtml>>. Acesso em: 11 abr. 2006.